

O DIVINO FAZ FESTA EM SOROCABA

*Neusa de Fátima Mariano**

Resumo: O município de Sorocaba traz um passado histórico muito rico no que diz respeito ao popular. As feiras de muares, por exemplo, eram também o momento em que os tropeiros se encontravam e participavam das festas da religiosidade popular, como as cavalhadas da Festa do Divino Espírito Santo. A festa era realizada na igreja Nossa Senhora da Ponte (padroeira da cidade) e envolvia a procissão de Pentecostes com a Bandeira do Divino, a representação do Imperador e da Imperatriz e os símbolos como o cetro e a coroa de prata, além da quermesse. Hoje, a festa do Divino Espírito Santo está descentralizada (ou multiplicada) pelas paróquias de Sorocaba. A investigação se pauta na compreensão das transformações pelas quais a festa passou ao longo do tempo, tendo como foco a homenagem ao Divino organizada, hoje, pelos Arautos de Pentecostes.

Palavras-chave: Divino. Sorocaba. Religiosidade popular. Festa.

The Divine makes the party in Sorocaba (SP)

Abstract: The city of Sorocaba has a very rich historical past with regard to the popular. The fairs of mules, for example was also the time when the drovers met, and joined in the celebrations of popular religiosity, such as cavalcades of the Divine Holy Ghost Party. The Party was held in the church of Our Lady of the Bridge (patron saint), and involved a procession of Pentecost with the Flag of the Divine, representing the Emperor and the Empress, and symbols such as the silver crown and scepter, and the kermis. Today, the Divine Holy Ghost Party is decentralized (or multiplied) by the parishes of Sorocaba. The investigation is guided to understand the transformations which the Party has gone through, focusing on the honor of the Divine organized today by the Heralds of Pentecost.

Keywords: Divine. Sorocaba. Popular religiosity. Party.

PEQUENA INTRODUÇÃO

Essas festas, como eram, não existem mais. No entanto, existem redefinidas. Sua sobrevivência tem que ser entendida como esforço, como estratégia, como redefinição, como invenção que procura reunir diferentes produtores, várias divindades e dar outros sentidos à sua manutenção.

José Rosselvelt dos Santos (1998)

* Professora do curso de Licenciatura em Geografia da UFSCar-campus de Sorocaba. E-mail: neusa@ufscar.br. Este texto faz parte de pesquisa desenvolvida com auxílio do CNPq, intitulada "Manifestações Festivas da Religiosidade Popular de Sorocaba e Região" (2010-1012).

O que é a festa senão a celebração da vida?

O que é a festa senão o encontro, o agradecimento e o pedido humilde às divindades, por alegria, fartura, justiça, saúde?

Ao celebrar a natureza, nas festas das colheitas, vivia-se o lúdico em sua plenitude, reivindicando a utopia, voltada para um mundo sem privações. Era preciso, para fazer valer a função da festa, que todas as regras fossem quebradas, que tudo acontecesse de forma exagerada, como se fosse o último dia da vida de cada um. De forma contraditória, tudo isso trazia o sentido da perpetuação da vida, da fartura, da reprodução, da fertilidade. É assim que Lefebvre (1958) contribui para a reflexão acerca da festa popular, ao dizer que a festa na Antiguidade clássica, se colocava como um momento da explosão de todas as tensões acumuladas no cotidiano.

Está-se tratando aqui de festas pagãs, de reverência à natureza. No entanto, a preocupação, no momento, se pauta na festa da religiosidade popular, ou seja, na festa do Divino Espírito Santo que, uma vez popularizada, traz elementos pagãos, já que no seu íterim há uma reivindicação pela fartura, além de agradecimentos e prevenção de catástrofes – elementos ligados à natureza.

Entende-se que as festas pagãs foram cooptadas pela Igreja Cristã, sobrepondo aos seus calendários pautados pelos ciclos da natureza, aquele ligado à liturgia católica, institucionalizando dias santos. Alguns elementos pagãos, nesse processo, foram mantidos, considerados inofensivos ao controle que a Igreja exercia sobre a vida cotidiana do povo (THOMPSON, 1998).

Araújo (2007, p. 6), dessa maneira, explica:

As festas tiveram uma origem comum: uma forma de culto externo tributado a uma divindade, realizado em determinados tempos e locais desde a arqueocivilização. Recebeu, porém, roupagens novas após o evento do cristianismo. A Igreja Católica Romana determinou certos dias para que fossem dedicados ao culto divino, considerando-os dias de festa, formando no seu conjunto o ano eclesiástico.

A festa pagã, no processo de fortalecimento e poder da Igreja, foi mantendo algumas de suas características, momentos ou elementos, que passaram a ser considerados resquícios de um passado remoto.

Como exemplo de cooptação católica sobre o paganismo, pode ser citada a festa de Afrodite, a deusa grega do amor, da beleza e da procriação, que foi sendo substituída pelo chamado “Mês de Maria”. Era uma festa em que se comemorava a fartura, cultuando o reflorescimento da terra, conhecida como janeiras e maias (festas de janeiro e de maio). Del Priori (2000) acrescenta uma informação que aqui interessa mais diretamente: “As festas do ‘Divino’, propositadamente comemoradas em maio,

tentavam, desde D. João I, em 1385, evitar o paganismo das ‘Maias’, cantadas e dançadas pelas ruas”.¹ (DEL PRIORI, 2000, p. 13).

E assim, com elementos do chamado paganismo, manifestações populares repletas de rituais e de contornos coloridos, envoltas em representações de um tempo em que a reverência à natureza era imediata, ganha vida. Nesse sentido, concorda-se com Bloch (2006), ao dizer que a festa popular é o mais leve dos divertimentos, a mais pura das alegrias recreativas que se torna pública. O seu aspecto exacerbado (alimentos, bebidas, alegria, liberdade, sonhos e desejos etc.), contrasta com a miséria, que, junto com a melancolia e o tédio, é característica das festas burguesas (BLOCH, 2006).

Tal prática foi se seguindo pela Idade Média até chegar às homenagens ao Espírito Santo, cujos dias festivos não fugiam à regra, aliás, prática que permanece até hoje. A fartura está sempre representada nem que seja pela singela distribuição de “roscas do Divino” aos devotos, como ocorre na Festa do Espírito Santo realizada na Paróquia de Nossa Senhora da Ponte, em Sorocaba.

Continua Araújo (2007), dizendo que essas festas do catolicismo dividem o calendário do ciclo anual em festas do Senhor e festas de santos. A primeira está relacionada à vida de Jesus Cristo: nascimento, morte, ressurreição – Natal, Paixão, Pentecostes, Páscoa, por exemplo. As festas de santos são mais pontuais, pois se trata de homenagear os santos de devoção de determinadas localidades, em função, inclusive da história daquele grupo social. Diferentemente das festas do Senhor, as festas dos Santos têm datas fixas: dia de São João, Santo Antonio, Nossa Senhora da Ponte, Nossa Senhora Aparecida, entre outras comemorações.

Para além das justificativas bíblicas, relatos de aparições e ações do Espírito Santo (a pomba branca, as línguas de fogo), desde o Antigo até o Novo Testamento, as homenagens ao Divino seguem sempre reivindicando a utopia de dias melhores, assim como as festas pagãs. Conforme Del Priori (2000, p. 9):

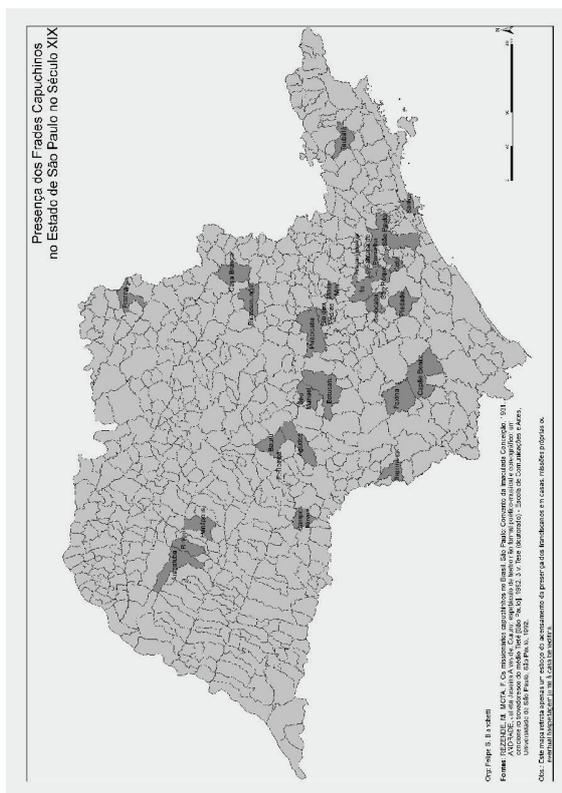
O tempo da festa tem sido celebrado ao longo da história dos homens como um tempo de utopias. Tempo de fantasia e de liberdades, de ações burlescas e vivazes, a festa se faz no interior de um território lúdico onde se exprimem igualmente as frustrações, revanches e reivindicações dos vários grupos que compõem uma sociedade.

Espera-se a chegada do dia em que toda a justiça social seja feita, em que a fartura seja uma realidade, em que a caridade esteja presente entre os homens e a saúde seja uma constante.

¹ As janeiras e as maias foram proibidas por Dom João I, de Portugal, em fins do século XIV (FERREIRA, 1875 apud ANDRADE, 1937).

Cabe lembrar neste momento o abade italiano Joaquim de Fiore (1145-1202), que pregava a crença do mundo dividido em três eras: a do Pai, a do Filho e a do Espírito Santo. O tempo do Pai já teria passado e está registrado no Antigo Testamento; a Era do Filho se daria a partir do nascimento de Cristo, relatado no Novo Testamento. A Era do Espírito Santo estava sendo esperada, e um novo líder (assim como teria sido Jesus Cristo) seria anunciado. Segundo Martins (2007, p. C11): “A era do Espírito seria a antecipação utópica do reino da plenitude do homem na história, o tempo de sua libertação, o tempo do nascimento histórico dos contrários, em que o homem nasceria das ruínas do mal”.

Os franciscanos aderiram à crença de Fiore e, tornando-se joaquimitas, foram os responsáveis, segundo Andrade (1992) por divulgar as homenagens ao Espírito Santo por onde passavam. Cabem parênteses aqui para dizer que, conforme pesquisa de Andrade (1992), festas em homenagem ao Espírito Santo são registradas ao longo dos caminhos trilhados pelos franciscanos, no Estado de São Paulo, como mostra o mapa logo a seguir.



No que diz respeito à festa do Divino Espírito Santo de Sorocaba, ela acontecia, no tempo das tropas, com todos os elementos constantes de uma festa portuguesa, daquela difundida pela Rainha Dona Isabel, esposa de Dom Diniz, que, aliás, seguia a doutrina franciscana.

A festa tornou-se reduzida, por um lado, na sua formatação, por meio da sua constituição simbólica tendo como justificativa o processo de urbanização. Por outro lado, ela ganhou novas centralidades, em função desse mesmo processo, espalhadas pelas paróquias de Sorocaba, cada qual o homenageando de forma particular, sem perder o cerne do seu sentido maior: a partilha, a caridade, a utopia.

NO TEMPO DAS TROPAS

A Folia do Divino percorria a zona rural, bairro a bairro, levando a bandeira milagrosa ao som de muito toque e cantoria, alegrando, fortificando a fê.

Marly T. G. Perecin (1990, p. 100)

É com estas palavras que Perecin (1990) inicia mais um capítulo de seu romance *Candeias em Espelho D'Água*, no qual a trama tem como cenário a Festa do Divino Espírito Santo, em meados do século XVIII.

A festa acontecia no Largo da Matriz Nossa Senhora da Ponte, quando as ruas centrais eram enfeitadas com bambus em arcos e bandeiras coloridas. Havia missa cantada, procissão, fogos de artifício, cavalhada, cururu, fandango e cateretê. Havia muito luxo e pompa presentes na Festa, sendo os escravos eram colocados para limpar as ruas por onde passariam as procissões. A elite sorocabana decorava seus sobrados, caprichava nas roupas de seus escravos e, mais ainda, na aparência delicada e luxuosa de suas donzelas.

Aos festeiros (responsáveis por toda esta pomposidade da Festa) cabia a provisão de comida, a distribuição de carne fresca e de roscas do Divino, alimentos sagrados.

A festa do Divino ainda contava com a preseça dos tropeiros, que começavam a chegar em Sorocaba para o comércio de mulas, no início do ano, permanecendo até junho, conforme Perecin (1990), mas tendo seu auge em torno do mês de março (SILVA, 2004). Após a passagem dos tropeiros, a cidade caía em calmaria.

Sorocaba teve bastante importância para as tropas, tendo sido considerado capital do tropeirismo, por sua posição geográfica, que a tornava uma centralidade, pois permite acesso para o Sul, para o Noroeste (Goiás e Mato Grosso), para o Norte (Minas Gerais) e, ainda, para São Paulo, Vale do Paraíba e Rio de Janeiro.

O auge da feira de muares deu-se entre 1850 e 1860, quando foram comercializadas cerca de 100 mil bestas por ano, conforme Silva (2004). Foi com o advento da ferrovia que não só a feira de Sorocaba entrou em decadência, mas o tropeirismo como atividade socioeconômica. A última feira teria acontecido em 1897, portanto, já na República.

Havia, nesses períodos de feira e de festa, uma intensificação do comércio, promovendo a dinâmica econômica local. Interessa, aqui, estabelecer uma relação entre a atividade comercial das tropas com a festa do Divino, mais especificamente, com as Cavalhadas.²

Conta Perecin (1990, p. 105):

Era realmente empolgante a cavallhada sorocabana: muita riqueza nas vestimentas, muita prata nos cavalos, magníficos ginetes, o melhor dessa sociedade de cavaleiros, arte, história e coragem. Cristãos e mouros evoluíam com muito apuro sobre animais de belo porte, cotejando-se com garbo e valentia, arrancando admiração e aplausos da assistência. Os rapazes das melhores famílias e os seus mais hábeis cavaleiros participam anualmente, não medindo gastos nem proezas, mostrando que eram tão bons quanto os gaúchos e peões dos Campos Gerais. Afinal, eram filhos e netos de tropeiros, futuros pais e avós de outros tantos.

Na noite de Pentecostes, a festa era encerrada com uma queima de fogos às 20h, nos quatro cantos da Praça da Igreja Matriz:

[...] primeiro a artilharia dos morteiros e rojões, depois os fogos de artifício, propriamente ditos: chuvas de ouro, girândolas coloridas, foguetes de prata iluminando o céu, desabando sobre a torre da Matriz, tirando lampejos do imenso globo de cobre. Por último, acendeu-se a grande bandeira colorida, tendo ao centro a pombinha. Palmas, entusiasmo, admiração. Sorocaba sabia festejar as suas grandes datas com o luxo e a magnificência de uma verdadeira capital. (PERECIN, 1990, p. 108).

A Cavallhada, bastante frequente na festa, abrangia trinta e dois cavaleiros, podendo haver variações, porém sempre múltiplo de quatro. O ritual permaneceu no Largo da Matriz no domingo de Pentecostes até 1885, quando foi inaugurado um chafariz na Praça, roubando-lhe o espaço. A Cavallhada foi, então, transferida para a Praça Frei Baraúna, praça do antigo fórum. Em 1870 já não foi mais possível encontrar notícias da Cavallhada durante a Festa do Divino de Sorocaba, tendo sido enfraquecida, entre outros fatores, pela falta de um local adequado para a sua realização. A Cavallhada teria migrado para Itapetininga, município próximo de Sorocaba. (ALMEIDA, 1990).

² As Cavalhadas representam a luta entre cavaleiros cristãos e mouros e terminam pela rendição dos últimos ao cristianismo.

Em 1917 houve uma tentativa de “ressurreição” da Cavallhada na Festa do Divino de Sorocaba, conforme chamada para os ensaios do auto no jornal *Cruzeiro do Sul*, em nove de maio daquele ano. Dois dias depois, o mesmo jornal divulgou os nomes de seus participantes. Mas o intento não teve fôlego para sua continuidade e, já no ano seguinte, o mesmo jornal não fez mais menção à representação festiva. Tal fato pode ser atribuído ao fim do tropeirismo, entre outros possíveis fatores, afinal, eram os tropeiros que protagonizavam a Cavallhada.

Os anos se passaram, a festa do Divino de Sorocaba ficou reduzida sem a Cavallhada, tendo aquela realizada em 1830 foi perpetuada sido Hércules Florence, em sua pintura de óleo sobre tela.³ Com o processo de urbanização, toda a pomposidade da Festa foi se restringindo, permanecendo apenas a procissão com as insígnias e a representação da corte portuguesa por um tempo para, posteriormente, fazer parte da memória de Sorocaba.

NO TEMPO DO URBANO, O DIVINO AINDA FAZ AF

Passava a procissão... e a gente ficou preocupado com esses objetos valiosos e começou a cidade a progredir, a gente ficou com receio de saírem esses objetos assim, *na rua* [cetro, coroa e salva de prata].

Maria Regina (2011)

Conforme relato de Maria Regina,⁴ uma das organizadoras da festa do Divino de Sorocaba, muita coisa mudou com relação ao seu formato, desde os tempos descritos por Percin (1990) e Almeida (1990) até a atualidade, a começar pela constituição de um grupo que auxilia nas homenagens, chamado *Arautos de Pentecostes*.

A festa, até cerca de trinta anos atrás, contava com um ritual na Praça da Igreja Matriz que remonta às origens portuguesas, envolvendo algumas insígnias: cetro, coroa, salva de prata, e alguns personagens como o imperador, o mordomo, capitães de mastro, estes descritos por Valverde e Oliveira (2007, p. 20):

Imperador: é o festeiro responsável pela festa, traz como símbolo o cetro. Como “imperador”, ele tem os seus vassallos e a sua “casa imperial” [local onde ficam guardadas as insígnias do Divino, durante a novena].

Aio da coroa: é um dos componentes do grupo. De absoluta confiança do

³ Este quadro encontra-se atualmente em exposição no Museu do Ipiranga em São Paulo (SP).

⁴ Entrevista realizada em março de 2011, integrante da Comunidade da Paróquia de Nossa Senhora da Ponte

“imperador” e por isso guardião da “coroa”, a qual é levada numa salva durante as procissões.

Alferes da bandeira: é o encarregado da guarda da “bandeira do Divino”. [...]

Capitão do mastro: pessoa responsável pelo mastro e pelo hasteamento da bandeira durante a novena.

Mordomos: são quatro. São os servidores do “imperador”, e durante as procissões formavam uma espécie de cordão de isolamento em torno das insígnias do Divino.

Oito casais organizavam a festa, um deles coordenava e os demais formavam a corte, ou seja, os vassallos do imperador; sendo que cada casal carregava consigo um bastão que, unidos, formavam um quadrado que protegia o imperador, a pombinha, a coroa com a salva; a Bandeira e o Mastro do Divino ficavam do lado de fora do quadrado, pois divulgavam a chegada e a passagem do Imperador que anunciava o Reino do Espírito Santo na terra.

O ritual da homenagem ao Espírito Santo teria sido uma idealização da Rainha Dona Isabel que, uma vez que seguia os passos dos franciscanos, auxiliava na difusão das idéias joaquimitas, ou seja, do Tempo do Espírito Santo, portanto, o tempo da justiça, da fartura, da caridade.

Em 1903 (12 de junho), o jornal *Cruzeiro do Sul*, na primeira página, anunciava a existência da Festa no início do século e assim a descrevia:

O septenário foi solenne; as músicas sacras bellas e graciosas.

[...]

Chegara, por fim, o último dia dos festejos.

Rompera a alvorada ao espou-barulhento dos foguetes, ao som dos sinos festivos.

Celebrou-se a missa cantada e solenne. Tudo resplandecia, tudo fazia lembrar o entusiasmo da grande alma cristã.

[...]

Findava a sollene missa, o povo dirigiu-se ao imperio levantado junto á casa do applaudido festeiro [...]. Distribuíram-se os pães, as coroas tradicionaes da festa.

A noite, a procissão foi orgulhosa e cheia de pompa [...].

O novo festeiro teria sido sorteado e assumido o compromisso com a realização da festa do ano seguinte. Percebe-se aqui já a ausência da Cavallhada, lembrando que houve uma tentativa de retomá-la em 1917.

Nesse ano de 1903, as festividades tiveram início em 19 de maio com a novena, sempre às 18 horas, sendo a missa cantada realizada somente no domingo de Pentecostes. É notória, com base nos registros do referido Jornal, a manutenção da partilha, com a distribuição de pães – o alimento sagrado – após a missa.

A procissão com banda e a figura do festeiro, além das insígnias, ainda foram mantidas por um tempo. As Cavallhadas, na tentativa de sua

manutenção, aconteciam esporadicamente, com grupos oriundos de outros municípios.

Em 1919, ao que parece, a festa apresentava-se com bastante pomposidade, denunciada no noticiário O Legionário:

Dia 6 [setembro] – Na Matriz provisória, ricamente ornamentada, com uma excepcional profusão de lâmpadas multicores, que darão ao templo e à praça fronteira um aspecto deslumbrante e feérico – começará, às 18 horas, o septenário, durante o qual estará exposto o SS. Sacramento à adoração dos fiéis. (O Legionário, 03/09/1919).

Mais à frente, relativo ao dia 14: “Às 17 horas, imponente procissão, com 24 riquíssimos andores, dentre os quais se destacam o do Divino, iluminado com 100 lâmpadas”.

Devido à reforma da Igreja Matriz, a festa teria ocorrido defronte a uma matriz provisória como consta no mesmo noticiário.

Dia 13 – ÀS 12 horas estrugirá uma festiva bateria defronte a Matriz Provisória, convidando-se o público a ir até a “gare” da Sorocabana, onde, às 12 e meia, deverá chegar um trem especial da vizinha e amiga cidade de S. Roque, conduzindo a correcta corporação musical “Liberdade” e os distintos cavalheiros que, num gesto de alta gentileza para com Sorocaba, virão a esta cidade realizar o tradicional torneio das cavalhadas, nos dias 13 e 14.(O Legionário, 03/09/1919).

Segundo a Sra. Maria Regina, a festa do Divino teria sucumbido por um certo período, sendo ainda notícia no jornal Cruzeiro do Sul na década de 1960. A primeira vez que a Sra. Maria Regina participou efetivamente da Festa teria sido em 1986, após ter sido enfraquecida por um tempo e retornado em 1982.

Em 1987 houve uma outra redução da Festa do Divino, com a ausência da quermesse. Conta a Sra. Maria Regina que, no ano anterior, havia ocorrido um tiroteio no espaço onde a quermesse acontecia, nas dependências da igreja. Em virtude da violência, entendida como uma decorrência da urbanização, a comunidade da paróquia de Nossa Senhora da Ponte resolveu não mais correr o risco de algum acidente dessa natureza. Também em função da violência, a procissão com a exposição das insígneas do Divino passou por uma ruptura, ficando o cetro, a coroa e a salva guardados no Museu de Arte Sacra da Igreja Nossa Senhora da Ponte.

No ano de 1999, a Festa do Divino de Sorocaba já se apresentava de forma totalmente diferente daquela realizada no tempo das tropas. Sem quermesse, sem Cavalhada, sem procissão, sem insígneas e sem os personagens da corte. Se antes havia oito casais que organizavam a festa, cada qual representando uma personagem, ou melhor, tendo uma função na procissão, articulada com as insígnias, hoje, sem estes objetos, a personificação

dos casais não faz sentido. Argumenta a Sra. Maria Regina que hoje se vive em uma República, não havendo sentido se pensar em uma hierarquia da corte, com imperador, alferes, mordomos. A ordem social mudou e a festa teve que mudar com ela.

Portanto, atualmente, sete casais compõem o grupo organizador da festa, escolhidos pela comunidade da igreja Nossa Senhora da Ponte, que formam os chamados Arautos de Pentecostes.

Após a Páscoa, durante quarenta dias, conforme agendamento prévio, os Arautos de Pentecostes visitam residências, hospitais, prefeitura, jornais, rádios e TV Local, para levar a “palavra”, como diz a Sra. Maria Regina, ou seja, com o objetivo da evangelização. Nesse sentido, mais do que o popular, a festa do Divino se faz hoje, totalmente sob a tutela oficial da Igreja. Aliás, a festa, reduzida em celebrações, seja pelos Arautos de Pentecostes, seja na novena e na missa do Espírito Santo, ainda preserva algo de popular.

A simbologia da Pomba do Divino é muito forte entre os devotos, afinal, estão lá na Bíblia registradas as formas como o Espírito Santo teria se manifestado. A pomba branca e as línguas de fogo colocam a primeira sobre o vermelho que representa a segunda imagem, juntos, na Bandeira. Portanto, ao visitarem os devotos, os casais dos Arautos de Pentecostes levam consigo uma imagem da pomba branca, uma bandeira do Divino, velas e distribuem medalhinhas aos devotos.

Cada ano é marcado por um tema, tendo em 2010 este sido “Semear o Espírito é renovar a vida” e, em 2011, “Teu corpo, minha morada”. Na visita às residências, é lido um texto bíblico correspondente ao tema e posteriormente, comentado. Cantos são entoados e a seguinte oração é recitada:

Vem, Espírito de Deus,
 Enche os nossos corações com Tua Graça.
 És o sopro de Deus
 Que dá vida ao nosso ser,
 E que os tira do tórumo da preguiça e do comodismo.
 És fogo que queima o que está errado em nós,
 que aquece nosso coração para amar,
 Que ilumina nossa mente para entender.
 Faze-nos conhecer, Jesus Cristo
 Que veio revelar o amor do Pai.
 Faze-nos conhecer o Pai e sua bondade infinita.
 Faze-nos tuas testemunhas,
 Instrumentos nas tuas mãos,
 Para que os corações dos homens se transformem
 E assim a terra se renove.
 Para que reine a justiça e a paz,
 A solidariedade e o amor.

Para que o Reino de Deus se estenda cada dia mais.
Amém! Amém!

Irmã Marlene Bertoldi

Ao dono da casa, cabe a recepção dos Arautos com um altar montado, tendo ao centro uma pombinha branca, arrumado com muito capricho em sinal de devoção. Após as orações e cantorias (vale observar, com músicas da liturgia católica), todos os presentes são convidados a partilhar o alimento: café, chá, pão, bolo, entre outros.

Os Arautos recebem doações caso alguém queira fazer alguma oferta para a Igreja e anotam em seus caderninhos as súplicas e os agradecimentos ao Divino.

As visitas não estão restritas a residências. Em 2010, conforme os veículos de comunicação, os Arautos visitaram a sede do jornal Ipanema e da rádio Jovem Pan:

Os Arautos de Pentecostes estiveram em visita na quarta-feira (19) ao **Jornal Ipanema** e **Rádio Jovem Pan**. Os casais, com as bandeiras vermelhas do Divino foram recebidos pela diretora Juliana Camargo Pagliato Consani. Os Arautos falaram aos funcionários sobre o tema "Semear no Espírito é renovar a vida". Neste domingo, será celebrado o Dia de Pentecostes, com missas na Catedral Metropolitana de Sorocaba. (Jornal Ipanema, 21/05/2010).

O jornal Diário de Sorocaba (09/06/2011) noticiou o ritual na Câmara Municipal de Sorocaba, tendo a presença dos Arautos de Pentecostes gerado polêmica entre os vereadores evangélicos que argumentavam o Estado ser laico, portanto, não deveria haver qualquer tipo de manifestação religiosa no estabelecimento que o representa. O Fórum Ministro Piza de Almeida, de Sorocaba, também solicitou a presença do Grupo, conforme se pode observar nas fotos.



Foto: Neusa de F. Mariano, maio de 2011.

Ao que parece, tal prática tem sido uma constante, pois em 2012, a Agência Sorocaba de Notícias, da Secretaria de Comunicação da Prefeitura de Sorocaba anunciou, no dia 25 de maio:

O prefeito Vitor Lippi e a primeira-dama e presidente do Fundo Social de Solidariedade, Denise Lippi, têm a satisfação de convidar para a cerimônia de recepção aos Arautos de Pentecostes da Catedral Metropolitana Nossa Senhora da Ponte – Festeiros do Divino Espírito Santo no Paço Municipal. Segundo a tradição religiosa, a visita da bandeira do Divino Espírito Santo é considerada uma bênção, levando mensagens de paz, solidariedade e amor ao próximo. O evento contará também com a presença de bandeireros de todas as paróquias de Sorocaba, da Guarda Municipal e da Banda Marcial de Sorocaba. (<http://agencia.prefeituradorocaba.com.br> – Acesso em: junho/2012)

Tal fato vem apontar para interesses também políticos relacionados à festa do Divino Espírito Santo. No entanto, cabe salientar que a festa sempre foi realizada pelo popular apropriada por vários segmentos da sociedade, numa tentativa de mostrar a ausência ou a inversão de classes sociais em tempo festivo. Importa a compreensão de que a festa, em um movimento contraditório, encontra na apropriação, seja pela elite, seja pelo Estado, a sua forma de divulgação e de se manter presente, perpetuando a tradição.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho tenta mostrar, em linhas gerais, as transformações ocorridas na festa do Divino Espírito Santo de Sorocaba (SP). Compreende-se que, no tempo das feiras de muares, as festas de Pentecostes eram abrilhantadas pela presença dos tropeiros que viajavam do Sul do país para a comercialização das mulas, proporcionando, pelos caminhos por onde passavam, certo desenvolvimento econômico, até chegar em Sorocaba. Assim, esse município viveu seu auge econômico, evidenciado também nas Festas do Divino pela pomposidade e luxo com que eram realizadas. As encenações de Cavalhadas, bem como as procissões nos moldes de Portugal que envolviam as insígneas, foram, com o tempo, escasseando.

Na verdade, pode-se entender essa escassez como uma nova leitura da festa, não isenta de ideologia por parte da Igreja. Ao passo que o processo de urbanização foi se tornando inevitável e intenso, a festa do Divino corria o risco de se tornar alvo de violência e vandalismo, sendo essa uma justificativa plausível, sobretudo pela Igreja, para sua simplificação. Hoje, na Igreja Nossa Senhora da Ponte, a festa é realizada em forma de celebração eucarística, com a presença dos Arautos de Pentecostes. Ao final da missa são distribuídas as “roscas do Divino”, com a colaboração de uma rede de padarias local.

Cabe observar que os Arautos de Pentecostes, apesar de terem um formato um pouco diferente das Folias do Divino, apresentam-se com a mesma missão: levar o Espírito Santo às residências dos devotos, e, hoje, também aos estabelecimentos públicos e privados. As músicas, embora sejam da liturgia católica, se fazem presentes com muita alegria, ao som do violão. Ou seja, não há aqui músicas caipiras improvisadas como o cururu, bastante presentes em celebrações do Divino ainda hoje, pelo Médio Tietê, mas sim, aquelas já institucionalizadas pela Igreja. A recepção dos Arautos permanece como nos moldes das Folias do Divino, bem como o ritual: altar para a Pomba Branca, vela acesa, reza, música, bênção do lugar, alimento para todos.

Assim como não faz mais sentido, para os Arautos de Pentecostes, a procissão da “Corte Portuguesa” porque se vive em uma República, não faz mais sentido sair pelas casas pedindo prendas para a festa, uma vez que esta não mais acontece com quermesse, já que a centralidade e possível violência no espaço urbano justificam a sua não realização. Nesse contexto, a festa acompanha a sua contemporaneidade para não sucumbir. Mantém o que é possível, mesmo numa nova linguagem, e persiste por meio da bandeira vermelha com a pomba branca ao centro.

Chama a atenção, nesse processo de simplificação da festa em Sorocaba (a festa sem ostentação ou pomposidade), o fato de estar ocorrendo uma multiplicação da mesma pelas paróquias de Sorocaba e região. Assim, pode-se contar ainda com a peregrinação da Bandeira do Divino pelas mãos de um grupo da paróquia São José (bairro do Cerrado), pela comunidade do Divino Espírito Santo (Paróquia de São José Operário) localizada no Jardim Saira, e pelo grupo do Santuário São Judas Tadeu (bairro Central Parque), entre outros também em Votorantim e municípios vizinhos.

É importante salientar aquela realizada no Jardim São Paulo, cuja capela do Divino data de 1877 e que tem realizado a novena envolvendo as comunidades da paróquia, bem como a quermesse após procissão e missa de Pentecostes.

Mesmo com data antiga e mesmo havendo essa multiplicação das manifestações em louvor ao Espírito Santo, a permanência da tradição se apresenta numa nova linguagem, ou seja, a história da Rainha Dona Isabel e a corte portuguesa parecem pouco importar. Importa aqui a homenagem, sob a direção da Igreja e seu controle, sobre o popular.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALMEIDA, Aluísio de. *Cavalhadas em Sorocaba*. Sorocaba: Secretaria da Educação e Cultura de Sorocaba, 1990.
- ANDRADE, Julieta Jesuína Alves de. *Cururu*: espetáculo de teatro não-formal poético-musical e coreográfico. Um cancionário trovadoresco do Médio Tietê. 1992. 3 v. Tese (Doutorado em Comunicação) – Escola de Comunicação e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo.
- ANDRADE, Mário de. A Entrada dos Palmitos. *Revista do Arquivo Municipal*. São Paulo, vol. 32. p. 51-64, 1937.
- ARAÚJO, Alceu Maynard. *Cultura popular brasileira*. 2ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.
- BLOCH, Ernst. Formas remanescentes mais antigas do tempo livre, deturpadas, porém não sem esperança: hobby, festa popular, anfiteatro. In: BLOCH, Ernst. *O Princípio Esperança*. Vol. II. Tradução de Werner Fuchs. Rio de Janeiro: EDUERJ/Contraponto, 2006. p. 459-467.
- DEL PRIORE, Mary. *Festas e utopias no Brasil colonial*. São Paulo: Brasiliense, 2000.
- LEFEBVRE, Henri. Notes écrites en dimanche dans la campagne française. In: LEFEBVRE, Henri. *Critique de la Vie Quotidienne* I. Introduction. 2ª ed. Paris: L'Arche, 1958. p. 215-241.
- MARTINS, José de Souza. O enigma de Paim Vieira. *O Estado de S. Paulo*. Caderno Metrópole 2. p. C-11. São Paulo, 21 de abril de 2007.
- PERECIN, Marly Therezinha G. *Candeias em espelho d'água (1777-1845)*. São Paulo: Loyola, 1990.
- SANTOS, Rosselvelt José. Festa no cerrado. *Travessia* – Revista do Migrante. São Paulo, Centro de Estudos Migratórios, ano XI, nº 31, p. 17-21, mai-ago. 1998.
- SILVA, Valderes A. da. Paulistas em movimento: bandeiras, moções e tropas. In: *Terra Paulista*. História, arte, costumes. A formação do Estado de São Paulo, seus habitantes e os usos da terra. São Paulo: CENPEC/Imprensa Oficial, 2004.
- THOMPSON, E. P. *Costumes em comum*. Estudos sobre a cultura popular tradicional. São Paulo: Companhia das Letras, 1998. 493 p.
- VALVERDE, Michel Farah; OLIVEIRA, Rosenilton Silva de. A arte sacra e sua significação para a religiosidade sorocabana. *Ciberteologia* – Revista de Teologia & Cultura, ano III, n. 9. São Paulo: Paulinas, 2007.

Jornais:

- Jornal Cruzeiro do Sul*, edições de 12/06/1903 e 17/05/1918.
- Jornal O Legionário*, edição de 03/09/1919
- Jornal Ipanema*, edição de 21/05/2010.
- Jornal Diário de Sorocaba*, edição de 09/06/2011

Website:

- Agência Sorocaba de Notícias, da Secretaria de Comunicação da Prefeitura de Sorocaba: <http://agencia.prefeituradorocaba.com.br> – acesso em junho/2012

